

PREFÁCIO

DAS ESTRELAS PARA OS ECRÃS

Moisés de Lemos Martins*

*“Já não é para as estrelas que lançamos o olhar.
Olhamos é para os ecrãs”.*

Paul Virilio

Glosando Paul Virilio (2001: 135), podemos dizer que os ecrãs são ligações frias, que nos desligam do calor dos corpos. No ecrã não teríamos sensações humanas, mas apenas sensações fantasmadas, que não passariam de “simulacros”, para retomar a clássica expressão de Baudrillard (1978), ou que remeteriam para “o já sentido”, na lógica da tipificação feita em tempos por Mário Perniola (1993). E as emoções seriam apenas emoções “maquinadas” (Deleuze e Guattari, 1995), “artificiais” (Cruz, s/d), “puxadas à manivela” (Martins, 2002).

Com efeito, espelhado como imagem num ecrã, o corpo digital dar-nos-ia a ver apenas a emanção delirante de um corpo já sem alma. E a cultura do ecrã constituiria a expressão de uma comunidade fria, uma comunidade sem o corpo do outro, embora alimentada pelos seus fantasmas, e também pelos fantasmas do nosso próprio corpo, numa ostensiva confirmação de que não existem práticas de rede sem narcisismo.

No ecrã, sensações, emoções e paixões nada mais poderiam exprimir que a agitação de um corpo eufórico, que todavia não disfarçaria o seu radical “congelamento”, para retomar uma conhecida fórmula de Guy Debord (1991: 16), testemunha de uma época ainda sem Internet, mas a quem não passava despercebida a hibridez de um tempo que misturava numa amálgama a energia das máquinas e as emoções dos homens.

Convocando José Mourão e Derrick de Kherckhov, Madalena Oliveira (2010) caracterizou, como um “enfraquecimento do corpo” as extensões emotivas que este passaria para a rede. Essas extensões exprimiriam um processo de desmaterialização que exaltaria o outro de nós nas máquinas, uma fatalidade endossável afinal à tecnologia. Esta hibridez de humano e inhumano, que a experiência tecnológica das redes permitiria, colocar-nos-ia, de

* Centro de Estudos Comunicação e Sociedade (CECS). moiseslmartins@gmail.com

um modo radical, fora da possibilidade táctil, embora o humano não possa existir fora do regime sensível. A experiência do mundo tecnológico pelas redes digitais incorreria, pois, numa certa desumanização: se, por um lado, essa experiência consistiria na exaltação do outro de nós nas redes (uma euforização de nós), estar-nos-ia todavia vedado o encontro do outro fora de nós. Os efeitos da “instantaneidade, ubiquidade e omnipresença” (Oliveira, 2010), autorizados pela experiência do indivíduo em rede, não passariam, pois, de alucinações que esgazeariam o humano. Mas dessa “poção mágica” todos andamos a beber e fazemo-lo em doses cada vez mais pesadas, embora o mais que consigamos alcançar seja “sentimentalizar a sociedade”, infantilizá-la, torná-la piegas.

Por sua vez, Stéphane Hugon, investigador do CEAQ, numa tese de doutoramento defendida em 2007, na Sorbonne, propôs a metáfora da “circum-navegação” para caracterizar a experiência contemporânea, uma experiência fundamentalmente tecnológica, pelo facto de a definição do humano, para retomar o célebre texto de Heidegger (1954) sobre a técnica, ocorrer no confronto com a tecnologia informática.

A técnica terá deixado de ser hoje simplesmente instrumental. E ao perder a sua referência exclusivamente antropológica, não se limitaria a prolongar o braço humano. Pelo contrário, a técnica atravessa o humano e investe-o, produzindo também o braço e ameaçando produzir o homem por inteiro.

A imagem da “circum-navegação” é uma figura que nos ajuda a pensar a travessia que há que fazer na experiência tecnológica, que é a experiência contemporânea por excelência. A travessia não é a mesma coisa que a passagem. A passagem fala-nos de uma experiência controlada, dominada, sem mistério nem magia, ou seja, também sem poesia.

Podemos fazer a passagem de um rio de uma para outra margem. Essa será todavia uma experiência sem sobressaltos, tranquila, por não serem de esperar grandes obstáculos a transpor. Nas passagens existe, com efeito, a habitualidade de um caminho conhecido. Coisa diferente é, todavia, a experiência de uma travessia, que nos coloca sempre em sobressalto pela sua perigosidade. É o perigo que a caracteriza fundamente: fazemos a travessia de um oceano; de um mar de tentações; de um deserto... A circum-navegação assinala classicamente a experiência da travessia de oceanos e da ultrapassagem do limite estabelecido, de mares, terras e conhecimentos. Aquele que primeiro a empreendeu não chegou ao destino. Sabemos, com efeito, que Fernão de Magalhães morreu nas Ilhas Molucas, afrontando os perigos com que deparou na sua travessia.

Trata-se, pois, de uma boa metáfora para caracterizar a actual experiência tecnológica. Na circum-navegação clássica houve o sextante, o astro-

lábio e a esfera armilar. Mas havia sobretudo as estrelas para nos conduzir na noite. Paul Virilio que nos fala da cultura do ecrã como a expressão de uma sociedade fria, mostrou bem, com uma imagem, o que tão radicalmente distingue a circum-navegação clássica da circum-navegação do ciberespaço. Deixámos de olhar para as estrelas e passámos a olhar para os ecrãs, diz Virilio (2001). Ou seja, da história de sentido em que se inscreviam as estrelas, o Ocidente abriu caminho para os ecrãs. Mas nesta travessia atribuiu-se uma “pele tecnológica” (Kerckhove, 1997), perdendo a pele do outro.

No Ocidente, as estrelas têm, de facto, virtualidades narrativas: sempre nos conduziram nas travessias (de mares, desertos e tentações), tinham sentido, ou melhor, inscreveram-nos numa história de sentido, entre uma génese e um apocalipse. E ao inscreverem-nos numa história da salvação, sempre nos impediram de naufragar. Na cultura ocidental temos até a estrela por excelência, aquela que surgindo a Oriente conduziu o Ocidente durante vinte séculos. A estrela que conduziu os Reis Magos permitiu, com efeito, a narrativa da Epifania — o mistério de um Deus encarnado —, fundando no cristianismo a civilização ocidental.

O Ocidente foi construído, é verdade, pela narrativa cristã, um *logos* que sendo palavra também é razão. Esta palavra tornou-se o símbolo maior da nossa cultura e orientou-nos para a unidade e a harmonia, para uma identidade que se reconhece na inteireza indivisa do indivíduo. A palavra tem luz própria, como as estrelas, e aquece-nos, porque pode figurar a promessa, sendo que na “promessa alguma coisa há de imortal”, como escreveu Jorge Luís Borges em *Unending Gift* (1969).

Em contrapartida os ecrãs não têm luz própria. Sendo de produção numérica (informática), produzem sobretudo informação, e não tanto significação, produzem também emoção, e bem menos narrativa. Nos ecrãs dá-se, com efeito, uma retracção das ideias e uma exacerbação dos sentimentos. Por outro lado, os ecrãs permitem-nos que sejamos *personae* (máscaras, em sentido etimológico) e que usemos muitas, multiplicando-nos e dividindo-nos em permanência, de acordo com a legião de imagens que nos tomam de assalto e nos habitam, o que comprova aliás a nossa condição múltipla (Martins, 2009).

O híbrido humano que nos espelha no ecrã tem lugar marcado conosco nessa intérmina travessia tecnológica, numa navegação que já não é sustentada pela palavra, nem pelo brilho das estrelas, mas pelo número. O ciberespaço, como ambiente produzido pelo número, é hoje o oceano que importa navegar. A travessia para essa nova América de um novo arquivo cultural configura, de ora em diante, a nova mitologia ocidental.

No entanto, tem-se acentuado a ideia de crise do humano, à medida que a técnica se afasta da ideia instrumental de simples construção humana

para causa do próprio homem, ou seja, à medida em que passamos a falar de vida artificial, de fertilização *in vitro*, de “barrigas de aluguer”, de clonagem, replicantes e cyborgs, de adeus ao corpo e à carne, de pós-orgânico e de trans-humano. E também à medida que se desenvolve a interacção humana através do computador, onde os *chats* da Internet, os jogos electrónicos, e as novas redes sociais, como o *Second Life*, o *Facebook* e o *Twitter*, por exemplo, instabilizam as tradicionais figuras de família e comunidade, para em permanência as reconfigurar. Acima de tudo, é a completa imersão da técnica na história e nos corpos que tem tornado problemático o humano. E são as biotecnologias e a engenharia genética, além do desenvolvimento da cultura ciberespacial, as expressões maiores desta imersão.

Lembro, no entanto, neste contexto, Hölderlin, convocado no texto de Heidegger (1954) sobre a técnica: «Lá onde está o perigo, também está o que salva».

Heródoto, citado por Christian Plantin (1996: 4-5) dizia que para as crises culturais, os gregos tinham criado a arte da palavra (a retórica). Mas que para as catástrofes naturais tinham os egípcios criado a geometria. Ora, aconteceu no último século uma inversão radical deste ponto de vista. O que se pede hoje aos ecrãs do computador, que nos dão ambientes de produção numérica (informática), é que nos resolvam a crise da cultura¹. Os ecrãs exprimem a crise da experiência contemporânea, a de um quotidiano acentrado, sem fundamento, que vive das emoções, e não sobretudo das ideias, num tempo em velocidade, acelerado, de mobilização “total” (Yünger), ou “infinita” (Sloterdijk, 2000). Mobilizando-nos em permanência, os ecrãs colocam-nos em estado de “possessão ocular”, como diz João Mário Grilo (2006: 14) numa convocação de Linda Williams. Há quem entenda que nesta travessia da técnica acontece connosco uma consequência semelhante à adição, com a exposição aos ecrãs a resultar em maior exposição, e em consequência dela ocorrer a fragmentação das finalidades da existência. Mas o que é facto é que hoje o mundo apenas tem olhos para o número e para a civilização que nele se funda, depositando aí toda a esperança de salvação.

Ecrã, Paisagem e Corpo, editado por Zara Pinto-Coelho e José Pinheiro Neves, situa-se neste movimento de translação da cultura ocidental, da palavra para o número, do *logos* para o *ícon*, da ideia para a emoção, do uno para o múltiplo, enfim, das estrelas para os ecrãs.

¹ Eu digo, crise, divergindo de Michel Maffesoli (2010), que não vê na cultura, e menos ainda na cultura digital, crise nenhuma. A haver crise, trata-se, para Maffesoli, apenas de uma “crise interior”. Conferir também, de Maffesoli, “Vous avez dit crise?” pdf: <http://www.michel-maffesoli.org/textes/vous-avez-dit-crise.html> (consultado a 6 de Fevereiro de 2010).

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean (1978), *Simulacres et simulation*. Paris, Gallimard.
- BORGES, Jorge Luís (1998) [1969], «The Unending Gift», *Elogio da Sombra*, in *Obras Completas (1952-1972)*, II, Lisboa, Teorema.
- CRUZ, M. Teresa (s/d), «Da nova sensibilidade artificial», in *Imagens e Reflexões, Actas da 2.ª Semana Internacional do Audiovisual e Multimédia*. Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas, pp. 111-116.
- DEBORD, Guy (1991) [1967], *A Sociedade do Espectáculo*. Lisboa, Mobilis in Mobile.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix (1995), *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- GRILO, João Mário (2006), *O Homem Imaginado. Cinema, Acção, Pensamento*. Lisboa, Livros Horizonte.
- HEIDEGGER, Martin (1988) [1954], «La question de la technique», *Essais et conférences*. Paris, Gallimard, pp. 9-48.
- HUGON, Stéphane (2007), *Circumnavigations, la construction sociale de l'identité en ligne*. Thèse de doctorat, Université Paris Descartes, Sorbonne.
- KERCKHOVE, Derrick de (1997), *A Pele da Cultura – Uma Investigação sobre a Nova Realidade Electrónica*. Lisboa, Relógio d'Água.
- MAFFESOLI, Michel (2010), «Internet: o tribalismo e a 'comunhão dos santos' pós-modernos», conferência inaugural do Colóquio *NetActivismo e Culturas digitais*. Lisboa, Institut Franco-Portugais, 5 e 6 de Fevereiro.
- MAFFESOLI, Michel (2010), «Vous avez dit crise?» pdf: <http://www.michelmaffesoli.org/textes/vous-avez-dit-crise.html> (consultado a 6 de Fevereiro de 2010).
- MARTINS, Moisés (2009), « Ce que peuvent les images. Trajet de l'un au multiple », *Les Cahiers Internationaux de l'Imaginaire*, n.1. Paris, CNRS, pp 158-162.
- MARTINS, Moisés (2002), *A linguagem, a verdade e o poder. Ensaio de Semiótica social*. Lisboa, Fundação Gulbenkian & Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- OLIVEIRA, Madalena (2010), «Nós e os laços. A emotividade figurada nas redes», comunicação apresentada ao Colóquio *NetActivismo e Culturas digitais*. Lisboa, Institut Franco-Portugais, 5 e 6 de Fevereiro.
- PERNIOLA, Mario (1993), *Do sentir*. Lisboa, Editorial Presença.
- PLANTIN, Christian (1996), *L'argumentation*. Paris, Seuil (Col. "Mémo", n. 23).
- SLOTERDIJK, Peter (2000), *La mobilisation infinie*. Christian Bourgois Ed.
- VIRILIO, Paul (2001), «Entretien avec Paul Virilio», *Le Monde de l'Éducation*, n, 294, pp. 135-138.